

# No tempo do possível: notas sobre educação para a paz

JOÃO BEAUCLAIR  
Espaço Ser e Viver, Brasil

---

## Introdução

*(...) sem a curiosidade que me move,  
que me inquieta,  
que me insere na busca  
nada aprendo nem ensino*<sup>1</sup>.

PAULO FREIRE

Neste limiar do século XXI, talvez de uma nova civilização caracterizada por rápidas e complexas mudanças, cabe revermos posturas e questionarmos nossos valores e ações, buscando redirecionarmos nossa prática de “ensinagem”<sup>2</sup> à Educação em Direitos e Valores Humanos, à Educação para a Paz.

Vivendo numa era de perplexidades, a sociedade humana se depara com a necessidade de encontrar novas sendas que levem a ruptura com o mecanicismo, com a fragmentação, com a linearidade. A partir de novos paradigmas, a Ciência se prende ao desafio de compreender o mundo a partir de uma perspectiva holística, gerando assim uma nova concepção sistêmica de realidade.

Apesar de longa a citação, cabe aqui lembrar que, já em 1986, diferentes cientistas e pensadores importantes ressaltavam que todos nós somos

... testemunhas de uma importantíssima revolução no domínio da ciência, engendrada pela ciência fundamental (em particular, pela física e pela biologia), pela perturbação que suscita na lógica, na epistemologia e também na vida cotidiana através das aplicações tecnológicas. No entanto, verificamos, ao mesmo tempo, a existência de uma defasagem importante entre a nova visão do mundo que emerge dos estudos naturais e os valores que ainda predominam na filosofia, nas ciências humanas e na vida da sociedade moderna. Pois estes valores estão fundamentados em grande parte, no deformismo mecanicista, no positivismo e no niilismo. Sentimos essa defasagem extremamente prejudicial e portadora de pesadas ameaças de destruição da nossa espécie. O conhecimento científico, por seu próprio movimento interno, chegou aos confins, onde pode começar o diálogo com outras formas de conhecimento. Neste sentido, reconhecendo as diferenças fundamentais entre a ciência e a tradição, constatamos não a sua oposição, mas a sua complementaridade. O encontro inesperado entre a ciência e as diferentes tradições do mundo permite pensar no aparecimento de uma nova visão da humanidade, até de um novo racionalismo, que poderia levar

---

<sup>1</sup> FREIRE, Paulo (1996): *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 3.ª edição. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1996, p. 95.

<sup>2</sup> GROSSI, Ester Pillar (2000): *A coragem de mudar em educação*. Editora Vozes, Petrópolis.

a uma perspectiva metafísica. Reconhecendo a urgência da pesquisa de novos métodos de educação, que levem em conta os avanços da ciência, os quais se harmonizam agora como as grandes tradições culturais, cuja preservação e estudo aprofundado parecem fundamentais. O estudo conjunto da natureza e do imaginário, do universo e do homem, poderia, assim, melhor aproximar-se do real e permitir-nos enfrentar diferentes desafios da nossa época”<sup>3</sup>.

Assim, compreendendo a educação como um caminho possível, na medida em que é responsável pela produção e reprodução de bens simbólicos e materiais, faz-se mister discutir a parcela de contribuição que cabe a nós, enquanto educadores/as, para a superação deste quadro e para o enfrentamento dos desafios que se impõem. Este é o meu foco principal nestas notas: propor e buscar significados e sentidos na Educação em Paz, a partir de minha própria prática educativa e da permanente busca por referenciais que me forneça subsídios para tal. Num primeiro momento, é preciso analisar os diferentes planos que a perspectiva holística pode nos fornecer. A temática em foco, nem sempre privilegiada nos espaços acadêmicos, é essencial para os processos de interação sociais e suas relações com a evolução das consciências.

É preciso discutir as condutas pró-sociais, percebendo os pressupostos da Educação para a Paz como ricos possibilitadores de formação neste sentido, integradores do espaço da existência e do espaço de “ensinagem”<sup>4</sup>. A partir das idéias de ASSMANN e SUNG (2000), é possível discutir aspectos primordiais ao construir o educar para a esperança, a partir dos referenciais de competência e sensibilidade solidária para tal modo de educar<sup>5</sup>.

Os desafios da formação continuada de educadores, diante da complexidade do tempo presente, com suas tessituras e tramas no cotidiano escolar precisam ser enfrentados e, nos “espaçotempos” desta formação, este tema pode e deve estar presente. A partir da minha vivência e prática educativa como mediador de cursos de formação continuada, de pós-graduação e de mini-cursos, busco sempre delinear algumas idéias sobre horizontes possíveis para que a escola possa se transformar em um prazeroso lugar, porque aprender de verdade é uma fonte imensa de alegria e de sensação de poder, pela energia que esse prazer inspira (GROSSI, 2000)<sup>6</sup>.

## Bases holísticas da educação

*A arte suprema do mestre consiste em despertar o gozo da expressão criativa e do conhecimento.*

ALBERT EINSTEIN

Para a compreensão das bases holísticas da Educação, acredito ser necessário conceituar o holismo e buscar entender, ainda que brevemente, as perspectivas utópicas desta tendência, que teve sua

---

<sup>3</sup> UNESCO (1986): Declaração de Veneza. Comunicação final do Colóquio “A ciência face aos confins do conhecimento: o prólogo de nosso passado cultural”. 3-7 de março.

<sup>4</sup> BEAUCLAIR, João (2001): “A prática de ‘ensinagem’ no desenvolvimento de projetos educativos: potencialidades e condições básicas”, em *Revista PARADOXA - Projetos Múltiplas em Educação*, UNIVERSO, vol. 8, n.º 10/11, pp. 6/16.

<sup>5</sup> ASSMANN, Hugo, e SUNG, Jung Mo (2001): *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. Petrópolis, Vozes.

<sup>6</sup> GROSSI, Esther Pillar (2000): “Um novo paradigma sobre aprendizagem”, in GROSSI, Esther Pillar, e BORDIN, Jussara: *Paixão de Aprender*. Petrópolis, Editora Vozes, p. 135.

trajetória ampliada nos anos 90 do século passado e que, cada vez mais, se ampliam no emergir do século XXI.

Originado da palavra grega *holos* (totalidade), o holismo procura ser um movimento com dimensão planetária que gere síntese e integração, tanto nos aspectos individuais como coletivos, visando à construção de uma sociedade voltada para o bem, onde todos e todas tenham alto grau de responsabilidade pela vida, no sentido mais amplo que essa palavra possa ter.

Procurando integrar Ciência, Arte e Tradição, o holismo consiste numa tendência que propõe o uso de todas as coisas das quais os seres humanos dispõem, não só para que sobrevivam, mas também para que possam contribuir para que a vida prevaleça. Neste sentido, impõe-se o imperativo iniludível de dispor de toda a produção cultural da humanidade, das artes às tecnologias, das ciências clássicas aos novos campos emergentes da sociedade e do conhecimento que se configura atualmente.

A priori, o holismo busca trabalhar com as consciências humanas de modo que sejam capazes de perceber os potenciais que lhes são inerentes e, ainda, que vivenciem situações onde se tenha a prevenção e a antecipação como pressupostos para a transformação de atitudes, comportamentos, posturas e ações.

Atuando como educador, sou capaz de saber que não se aprende somente na escola e não só com o cérebro, preciso encontrar estruturas e bases para uma nova educação que privilegie a síntese e leve meu quinhão de contribuição para amenizar os múltiplos desafios que o mundo atual nos apresenta.

Percebendo que urge a criação de processos de reflexão mais aprofundada, torna-se imprescindível questionar os próprios valores da sociedade humana, ampliando tais questionamentos até a compreensão de que conhecer consiste em

... um processo biológico. Cada ser, principalmente o vivo, para existir e para viver tem que se flexibilizar, se adaptar, se re-estruturar, interagir, criar e coevoluir. Tem que se fazer um ser aprendente. Caso contrário, morrerá. Assim ocorre também com o ser humano. A sociedade do conhecimento é uma sociedade aprendente que, como a vida, se flexibiliza, se adapta, instaura redes de relações e cria. Educar é fazer experiências de aprendizagem pessoal e coletiva”<sup>7</sup>.

Assim, busco situar a educação como importante função emancipatória, ressaltando que cabe a nós, educadores e educadoras, nos determos nos novos contextos da sociedade do conhecimento e compreender a necessária postura de estar, sempre, inseridos e inseridas em processos de “ensinagem” permanentes, caracterizando-se assim como eternos aprendizes.

Tamanha tarefa, entretanto, nos lança ao desafio de nos conscientizarmos da unidade planetária e, ainda, dos múltiplos dilemas éticos e políticos com os quais nos temos que enfrentar cotidianamente. Acredito que é preciso continuar reafirmando que educação é, na verdade, evolução de consciências, e a perspectiva holística, não somente em seu aspecto universal, mas também no que se refere aos indivíduos e à sociedade que deles se origina, pode nos auxiliar nesta tarefa.

---

<sup>7</sup> BOFF, Leonardo (2000): “Prefacio”, in ASSMANN, Hugo: *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis, Editora Vozes, p. 12.

Quanto aos aspectos individuais do holismo, é preciso ressaltar que a perspectiva em pauta pretender fazer emergir, nos homens e nas mulheres de nosso tempo, processos de intuição e percepção mais amplos, em que a meta central deva ser “conhecer-se a si mesmo”, para que se possa fazer uso de seus potenciais individuais de energia e força, objetivando, simultaneamente, desenvolver os hemisférios direito e esquerdo, ou seja, desenvolver a bilateralidade cerebral.

Para isso, torna-se necessário entender que é a percepção, nos seus mais variados níveis, precisa ser desenvolvida. Assim, acreditamos que, em educação é importante o uso de metodologias que levem em consideração aspectos vinculados aos sonhos, às sincronicidades, às memórias, além de nos preocuparmos com a compreensão efetiva de conceitos como complexidade, teoria de campo, multi-referencialidade, simultaneidade, transversalidade, interatividade, hipertextualidade, conectividade, simultaneidade de caos e ordem e similares, além de processos vitais e cognitivos da própria vida humana.

É claro que essas novas formas de pensar a humanidade nos conduzem à articulação de diferentes princípios organizacionais, que nos impulsionam em direção ao caminho da busca de um ponto de apoio e de equilíbrio diante de tantos novos avanços, vindos dos mais variados campos da ciência. A nosso compreender, cabe a cada um de nós instalar, em si mesmo, o germe da reflexão permanente e a busca por compreensões de si mesmo e das múltiplas relações interpessoais que estabelecemos enquanto seres humanos que atuam, conscientes ou não, no espaço social<sup>8</sup>.

Enfim, no nível individual, o que consideramos importante na abordagem holística é que esta é uma nova forma de perceber a realidade, e que todos os conceitos que tal abordagem insere podem ser aplicados aos processos de ampliação de intuição e de consciência, na busca e meta humana de construirmos a Paz.

## A paz como meta e busca humana<sup>9</sup>

*Não há caminhos que levem à Paz: a Paz é o caminho.*

M. GANDHI

Estar em paz é uma das mais antigas aspirações humanas, pois desde o começo da nossa história, de nossa trajetória humana, paz é a denominação dada aos períodos, geralmente breves, que transcorrem entre duas guerras. Por paz podemos compreender a relação mútua e a situação de quem não está em guerra. Por ela podemos saber o que é a quietude dos Estados e a tranqüilidade pública, opostas à guerra. A paz, compreendemos como reconciliação, volta à amizade e à concórdia.

Em português, paz provém do latim “pax, pacis”. Paz, em todas as línguas românicas, é vocábulo comum: em francês, “paix”; em italiano, “pace”; em espanhol, “paz” e em outras línguas, como o inglês

---

<sup>8</sup> BEAUCLAIR, João (2004): *Mansidão, afabilidade e doçura nas relações humanas: o resgate necessário a partir das instituições*. Selecionado para o I Congresso Latino-americano de Psicologia – ULAPSI, São Paulo, abril de 2005. Publicado no site <<http://www.psicopedagogia.com.br>> [Consulta: set. 2004].

<sup>9</sup> Os trechos a seguir, “A paz como meta e busca humana” e “Criando harmonia e sentido para construção de um novo tempo”, fazem parte do texto *Mansidão, afabilidade e doçura nas relações humanas: o resgate necessário a partir das instituições*, citado na nota anterior.

"peace". A palavra paz também aparece na origem de "pacto", que provém do latim "pactum", e que nessa língua era o particípio passado de "pascisci" (firmar a paz). Em latim, "pactare" significava também pagar tributos, obrigação comum aos vencidos com o final de uma determinada guerra.

Se desejarmos viver em paz, caminhar em busca da resolução de conflitos será compreendê-los como uma possibilidade de criação de ambiente de comunicação, de solidariedade e, principalmente, de cooperação. Reconhecer os conflitos que surgem em suas causas é buscar saber onde, quando e como se pode propor uma solução possível; é fundamental, neste movimento, estabelecermos normas de reflexão e de diálogo sobre a situação.

É preciso também estar atento/a aos processos de geração de possibilidades diferenciadas de resolução de conflitos, refletindo sobre as conseqüências das ações propostas. É mister aproveitar o surgimento de conflitos nos espaços-tempos onde temos algum tipo de inserção, para que eles possam servir como vivência de formação para todos/as. Acredito também ser importante estabelecermos parâmetros para uma análise crítica do que está intrínseco nas diversas mensagens dos meios de comunicação sobre como são demonstradas e apresentadas as mais diversas situações de conflito. Ao pensarmos em processo de reflexão e formação sobre as respostas possíveis aos conflitos, acredito também que a cultura de paz e não-violência, a educação em direitos e valores humanos, pode contribuir para a configuração de estratégias para enfrentá-los nos diferentes espaços-tempos onde vivenciamos nossa trajetória humana.

## Criando harmonia e sentido para construção de um novo tempo

*La guerra es un producto de la mente del ser humano.  
Si somos capaces de generar violencia, también lo somos  
de crear armonía. Frente a nuestra capacidad de destrucción  
debemos explorar nuestra capacidad de construcción.*

ANDRÉS GUERRERO FELIÚ

Criar harmonia em nossa cotidianidade, repleta de desafios, é tarefa estimulante e motivadora para nossas ações enquanto humanos "aprendentesensinantes". O autor acima citado nos seduz a pensar sobre como podemos criar novos campos de significado e sentido para a construção de um outro tempo possível, onde se possa observar que em tudo onde habita a vida, temos a tendência de continuidade e desenvolvimento, apesar das rupturas ocorridas nos processos de evolução.

Buscar novos campos de significado e de sentido sempre fez parte da trajetória humana, desde tempos imemoriais. A resolução de conflitos só poderá ocorrer quanto compreendermos que conflito é "uma luta por valores e reivindicações de status, poder e recursos escassos, em que o objetivo dos oponentes consiste em neutralizar, lesionar ou eliminar os rivais" <sup>10</sup>.

Podemos considerar o conflito como uma das formas centrais de interação humana e perceber que, em sua configuração, ele objetiva encontrar soluções aos dualismos divergentes que, de um modo

---

<sup>10</sup> *Dicionário de Ciências Sociais* (1987): Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. Sociais.

geral, sempre ocorrem nas relações humanas. Para muitos, conflito pode ser um modo de se chegar a algum tipo de unidade, nem que para isso um dos elementos conflitantes seja aniquilado.

Numa perspectiva psicológica, o conflito configura-se no momento em que existe a percepção do desacordo no que concerne à constituição de uma problemática a ser solucionada. Podemos compreender o conflito como antagonismo de forças, sabendo que ele pode ser criativo e saudável ou improdutivo e confluyente, quando o sujeito não compreende a si mesmo e, por conta deste não entendimento, responsabiliza sempre o outro. Assim, nos "*espaços-tempos*" de convívio democrático, é possível superar o conflito, percebendo que este sempre se produz quando estratégias, atividades, metas e objetivos não são compatíveis para os que estão envolvidos em algum fazer, em algum projeto de trabalho, ou de vida.

Re-significar nossa trajetória humana, no sentido de superarmos os entraves elaborados por situações conflitivas, pode trazer novos campos de significados e sentidos a nossa existência, pois a busca por harmonia deve ser referencial ao nosso viver.

É preciso estabelecer relações de não-oposição, visando a encontrar fins compatíveis entre os que estão envolvidos em situações/relações conflituosas. Criar harmonia e sentido para a construção de um novo tempo é uma luta que devemos expressar em nosso agir, em nosso fazer, em nosso *ser-e-estar* num mundo em complexa interdependência.

Nossa busca, que a meu ver deveria se tornar missão, é a de favorecer, sempre, a manutenção da paz, percebendo que o uso de valores éticos, da criatividade, das vivências e da reflexão permanente de nossas atitudes pode levar cada um de nós a compreender os questionamentos de cada um como pessoa.

Criar harmonia e sentido para a construção de um novo tempo só será possível quando compreendermos que somos sujeitos amorosos, em busca de paz, com os outros, conosco, com o mundo e com a natureza. Criar harmonia e sentido para a construção de um novo tempo só será possível quando re-significarmos nossas vivências e percebermos que é possível enfrentar as diversidades com atitudes menos egocêntricas e mais altruístas. É preciso buscar o encontro com o/a outro/a numa perspectiva de alegria, fé, esperança, renovação da própria vida. Só assim, outro mundo será, efetivamente, possível.